

A solução é o cidadão

JOSÉ CARLOS JACINTHO DE CAMPOS

A atividade econômica é, atualmente, apenas regular; mas, apesar de todas as dificuldades que o Plano Verão adicionou ao combalido cenário econômico, não se pode deixar de assinalar que a economia apresenta hoje um quadro complexo e interessante, no qual agricultura e exportação mostram sinais de alguma vitalidade.

A indústria oscila, declinando lentamente, à espera de sinalização favorável no painel de instrumentos da nave econômica nacional; por enquanto, reposição de estoques, maior dinamismo no interior do País e um razoável nível de exportação de seus produtos conferem à indústria uma situação sustentável. O comércio, por seu turno, tem caminhado por trilha não menos sinuosa; na verdade, os choques econômicos costumam trazer na sua esteira estocagem por parte do consumidor e antecipação de compras, o que, apesar de a renda do brasileiro não permitir excessos nesse tipo de comportamento, tem possibilitado ao comércio desempenho médio satisfatório.

Releva observar nesse rápido perfil os efeitos aparentemente positivos que se irradiam do setor informal da economia.

Fontes oficiais estimam em 13% a participação desse setor no PIB enquanto outros analistas concluem por percentual maior de participação. De qualquer forma, o dado que

parece intrigar muitos economistas refere-se ao consumo industrial de energia elétrica, o qual mostra significativo crescimento em relação ao ano passado.

Tantos têm sido os sobressaltos, ordens e contra-ordens que o agente econômico — empresário e trabalhador — tem sofrido e, sem dúvida, assimilado e a eles resistido que parece não padecer de exacerbado otimismo o fio de esperança, tenue mas presente, de que no conturbado ambiente econômico nacional há algo mais do que corrupção, incapacidade e ineficiência: há vontade de trabalhar, dinamismo, dedicação e capacidade! Não fosse assim e a economia brasileira estaria num fosso ainda maior.

Portanto, é hora de colaborar com esse Brasil forte e saudável. Como?

● O combate sério, disciplinado e inflexível ao déficit público;

● A prática de uma política monetária consistente e objetiva;

● A adoção de uma política cambial desatrelada da questão inflacionária e imbuída de um caráter tarifário racional;

● A privatização ou extinção de um sem número de empresas e órgãos públicos desatentos ao objetivo econômico-social que deve presidir qualquer entidade — pública ou privada — e perdidos no emaranhado de uma teia burocrática que simplesmente paralisa vontades e cristaliza e socializa prejuízos;

● A implementação de uma política salarial de livre negociação, sem o paternalismo da atuação do poder público, e na qual o baixo poder de barganha de alguns agentes econômicos — empresas ou trabalhadores — seria equacionado dentro da própria área sindical; o processo de tentativa e erro decorrente dessa política salarial constituir-se-ia num processo de aprendizagem e maturidade do cidadão, absolutamente inevitável, totalmente desejável e politicamente inadiável;

● A permissão e conseqüente convocação para que a sociedade brasileira assuma integralmente seus fortes contrastes nos modos e costumes, na riqueza, nas oportunidades, e possa ela, sociedade e mais ninguém, gerir os seus próprios destinos; dessa forma, o cidadão comum, consciente de sua força, de seus direitos, mas também de seus deveres e obrigações, administra os preços das mercadorias, os salários da mão-de-obra, a taxa de desemprego, a taxa de investimento e o padrão de desenvolvimento da nação.

A verdadeira essência da democracia é essa força ímpar e inigualável que o cidadão tem para influir na condução do País, sem submissão a grupos de quaisquer tonalidades. O poder é a cidadania. A solução é o cidadão.

José Carlos Jacintho de Campos é Presidente da Associação Brasileira de Bancos Comerciais e Múltiplos.